

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ROSILAINE ISABEL JACOBOSKI

A Pedagogia de Projetos: O novo olhar na aprendizagem

**Porto Alegre
2010**

ROSILAINE ISABEL JACOBOSKI

**A PEDAGOGIA DE PROJETOS: O NOVO OLHAR NA
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador (a):
Professora. Ana Maria de Barros
Petersen**

**Tutor (a):
Cátia Zílio**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof.^a Valquiria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho em especial a minha filha
Luiza e para todas as pessoas que me
incentivaram e me apoiaram durante esta
caminhada.

AGRADECIMENTOS

AO CONCLUIR ESTE TRABALHO QUERO AGRADECER

... à Deus, por sempre iluminar meu caminho e me dar às forças necessárias para enfrentar os obstáculos da vida;

... à minha família, que sempre esteve do meu lado, me dando suporte e carinho, mesmo quando eu preferia estar sozinha, na frente do computador fazendo os trabalhos que 'profissão acadêmica' me exigiu...

... à minha filha, Luiza, que teve uma mãe um pouco atrapalhada e estressada nos últimos quatro anos, mas que sempre sorriu me fazendo a mãe mais feliz do mundo;

... ao meu marido, Anerson, por toda a ajuda que me deu, com a casa, com a nossa filha, e por aguentar e compreender meus momentos de stress e aflição;

... à professora, Ana Maria de Barros Petersen minha orientadora de estágio, e a tutora Cátia Zílio, que me apoiaram, me incentivaram, acreditaram nas minhas ideias, refletiram junto comigo sobre este trabalho e que, com toda a calma, sempre me deixaram tranquila e confiante nas horas mais difíceis;

... às colegas, que me acompanharam durante todo o curso e que puderam, às suas maneiras, levar um pouco de mim e deixar um pouco de si, trocando experiências e fazendo com que cada uma pudesse crescer ao longo da caminhada;

... aos professores (as), aos tutores (as), as colegas, por me acompanharem nestes quatro anos de curso, escutando as minhas angústias via telefone, msn, e-mail ou orkut, secando as minhas lágrimas, promovendo muitos momentos de risadas e aprendizagens.

... aos amigos (as), antigos e novos, com os quais tive alguns momentos, nos mais diversos suportes tecnológicos, que me apoiaram me escutaram e contribuíram para que eu chegasse ao final do curso de Pedagogia e para que eu seguisse acreditando no valor de ser professora.

... enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste sonho.

... Muito Obrigada!

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais que perguntar reconhecer. (FREIRE, 1996. p. 86).

RESUMO

Este estudo apresenta os resultados de uma análise da proposta metodológica da Pedagogia de Projetos que norteou o trabalho com os alunos da quarta série da rede pública municipal do Ensino Fundamental, em uma escola de Ivoti/RS, tendo como ponto de partida a seguinte questão: a Pedagogia de Projetos faz com que haja maior motivação no ensino-aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Para responder a este pressuposto cujo objetivo foi analisar uma proposta de trabalho com pedagogia de projetos, visando encontrar soluções para a falta de motivação, fator determinante para a aquisição da aprendizagem, proporcionando ao aluno posicionar-se de maneira crítica, criativa, reflexiva e construtiva frente à família, escola e comunidade nas soluções dos problemas. Para que eu pudesse atingir o objetivo proposto, foram desenvolvidos com os alunos os Projetos de Aprendizagem, propondo um paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente, em que o professor neste contexto, é o mediador, o estimulador, articulando as experiências intra e extraclasse, em que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento.

Palavras-chave: Pedagogia de Projetos, Ensino-Aprendizagem, Motivação Escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 OS PROJETOS PEDAGÓGICOS NAS DIFERENTES PEDAGOGIAS...13	
2 QUAL A ORIGEM DOS PROJETOS EM SALA DE AULA?.....20	
3 PROJETANDO PARA DAR SENTIDO À EDUCAÇÃO.....26	
3.1 Passos que dão sentido ao projeto.....29	
3.2 A interdisciplinaridade e os projetos se casam?.....32	
3.3 A aprendizagem significativa: curiosidade que motiva e instiga.....36	
4 PORQUE TRABALHAR COM PROJETOS?.....41	
4.1 Conhecendo os projetos da 4ª série.....42	
4.2 A avaliação como parte de toda a caminhada.....45	
5 CONCLUSÃO.....50	
REFERÊNCIAS.....53	
APÊNDICE – RELATÓRIO DOS PROJETOS DE APRENDIZAGEM.....55	
.....55	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, strictus sensus, na modalidade à distância na Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema: A pedagogia de projetos: O novo olhar na aprendizagem, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo de estágio obrigatório.

Estudando a história da educação podemos ver que ela passou por muitas modificações e interpretações relacionadas a diferentes aspectos: didática, metodologia e conteúdos. O próprio construtivismo, que quando veio à tona foi intensamente difundido e infelizmente mal interpretado porque alguns professores entenderam que, para ser construtivista, era preciso deixar que os alunos aprendessem sozinhos. Não poderiam de maneira nenhuma interferir no processo de aprendizagem das crianças. Por consequência, o ensino acabou virando uma bagunça e não se tinha mais clareza de qual era o papel do professor.

Desta forma surgiram também os projetos de aprendizagem nos anos de 1980, em Barcelona. Esta metodologia chega ao Brasil bem mais tarde, porém, atualmente são discutidos, propostos e executados entre os que trabalham em educação. Pretendo através desta monografia, mostrar que esta forma de trabalhar enfoca de maneira significativa todos os conteúdos, além de instigar a curiosidade dos alunos, dando sentido ao que estão aprendendo e descobrindo na escola.

Este tema é muito significativo para mim, porque me realizo em estar na sala de aula com os alunos. Vibro com suas descobertas, com suas curiosidades e é por isto que o trabalho em projetos é tão especial para mim enquanto professora, pois como sou curiosa também me deixo levar pela curiosidade dos alunos. É assim que o projeto começa, com uma inquietação, uma dúvida, ou seja, a busca por alguma coisa. Neste caso é a busca pelo conhecimento que move todo trabalho e é o que o torna tão encantador. O conhecimento se move, não é estático, parece até que tem vida. Vida esta que com as crianças, fica mais bonita, porque elas vibram a cada conquista, a cada nova descoberta. Acredito também, que esta era a educação que eu gostaria ter tido quando criança. Uma educação em que alunos e professores fossem cúmplices das descobertas e se encantassem em aprender cada vez mais coisas juntos, onde as provas não fossem o único meio de avaliação, mas que fosse respeitado todo o processo de aprendizagem, também como forma de avaliação. Ou seja, que a avaliação não fosse o fim, mas o meio, que fizesse parte de toda a trajetória, de todos os dias, de todas as horas e que o aluno fosse visto como um sujeito único, com suas histórias e que não fosse comparado com os outros, e, sim, respeitado.

Para mostrar que o trabalho em projetos não pode ser somente mais um modismo, lembro como foi a minha vida escolar. Hoje entendo qual foi a pedagogia usada: a pedagogia diretiva, que enxergava o aluno como um ser que vem para escola somente para aprender sem nada a contribuir, ou conforme (BECKER, 2001, p.17). “o professor considera que seu aluno é tabula rasa não somente quando ele nasceu como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado na sua grade curricular, ou nas gavetas da sua disciplina”.

Esta pedagogia que acredita somente na força do professor, como detentor de todo o conhecimento, acredita que os alunos vêm para a escola para aprender e o professor para ensinar; ou melhor, para transmitir conhecimentos. Alunos calados, enfileirados, disciplinados que somente podem responder as perguntas feitas pelo professor, e é lógico, sempre dar a resposta esperada pelo mestre, que foi antecipadamente decorada. Alunos assim saem

da escola para ingressar no mercado de trabalho bem preparados para seguirem seu chefe, não contestar, até porque sua opinião nunca foi aceita, e assim vão continuar sendo. Serão robôs nas mãos das pessoas, um ‘bom empregado’. Foi assim que aprendi “saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1998, p. 52).

Pontuarei na monografia os aspectos históricos do trabalho em projetos. Também farei um aprofundamento do estudo bibliográfico sobre o tema, além de mostrar os projetos de aprendizagem que deram certo durante o Estágio Curricular Supervisionado e que nos fazem refletir e acreditar que professor e aluno devem junto construir conhecimentos.

O primeiro capítulo introduz o leitor na temática de estudo. Uma breve abordagem das diferentes pedagogias e como elas se deram aqui no Brasil. Traz uma reflexão e descrição de como se constituíram e como chegaram até a prática do projeto, ou seja, delineia um caminho que vem sendo trilhado desde a Pedagogia Tradicional até a Crítico-Social dos Conteúdos.

No segundo capítulo, vou abordar a especificação da origem dos projetos, como surgiram, quais seus motivos e objetivos. Além disso, relatarei rapidamente outras teorias que surgiram no decorrer do tempo, mas que acabaram simplesmente sendo pouco difundidos ou até mal interpretados.

O verdadeiro sentido de estar desenvolvendo um trabalho em sala de aula em forma de projetos é assunto no terceiro capítulo. Nele, a importância do trabalho em projetos para o aluno é relatada, já que parte de indagações dos próprios alunos e assim, automaticamente, aprender passa a ter significado e sentido para que a aprendizagem se torne muito mais prazerosa e significativa.

O quarto capítulo é destinado à justificativa do trabalho por projetos bem como à análise destes projetos desenvolvidos com a turma da quarta série no município de Ivoti durante o Estágio Curricular Supervisionado e que trouxeram bons resultados aos alunos e que acabaram confirmando toda a presente monografia.

Portanto, projetos lembram sonhos, projetos que serão pensados, executados, não um projeto de uma casa, mas muito, além disto, projetos em sala de aula, que nos fazem ir além deste espaço fechado, que nos fazem quebrar fronteiras, perceber que o mundo gira e que somos protagonistas deste mundo e não somente seres que não têm nada a oferecer. E é isto que devemos construir com nossos alunos, a esperança, mas não ficar somente na esperança, mas pensar, refletir e buscar soluções, e desta forma construir sujeitos ousados, autônomos, pessoas responsáveis por este mundo em que vivemos.

1 OS PROJETOS PEDAGÓGICOS NAS DIFERENTES PEDAGOGIAS

Para entender a origem do conceito projeto pedagógico é necessário reportar-se ao longo caminho percorrido pelas diferentes pedagogias e seu desenvolvimento histórico. No Brasil, desde a sua colonização até os dias atuais, várias correntes de pensamento se desenvolveram e se definiram para os modelos educacionais.

Ao estudar diferentes pedagogias, constata-se a existência de um conjunto de influências teóricas metodológicas que permeiam a construção de diversas propostas curriculares. Segundo Libâneo (1993), estas pedagogias podem ser qualificadas em dois grupos: a de cunho liberal, que buscam preparar o indivíduo para adequar-se à sociedade, e as de cunho progressista, que visam à transformação social através da análise crítica da realidade.

Classificadas como tendências do primeiro grupo encontram-se: a Liberal Tradicional, utilizando métodos expositivos e demonstração verbal de conteúdos através de modelos; Liberal Renovada, relacionada diretamente ao movimento da Escola Nova, trazendo métodos que consideram o aluno como sujeito da aprendizagem, onde o professor não ensina, mas auxilia o aluno a aprender. A Não-Diretiva que considera os conteúdos dispensáveis, priorizando a comunicação estabelecida entre o grupo de educandos, para que, através do desenvolvimento desta relação eles encontrem meios para construir seu próprio conhecimento. E o tecnicismo educacional, utilizando métodos compatíveis com a orientação política, econômica, ideológica do regime militar vigente, caracterizando-se pela utilização de manuais. (LIBÂNEO, 1993, p. 64)

No que diz respeito à Pedagogia Liberal Tradicional, o professor era o total responsável pelo planejamento. O que se consolidava era uma prática pedagógica voltada para a construção da moralidade, para o cuidado com a higiene e para o treinamento de habilidades, jamais considerando os interesses, nem as necessidades das crianças. (LIBÂNEO, 1993, p. 64) ao escrever sobre a Pedagogia Liberal Tradicional menciona que “a atividade de ensinar é centrada no professor que expõe e interpreta a matéria. Supõe que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos, os alunos ‘gravam’ a matéria para depois reproduzi-la”.

A reprodução e a memorização das informações eram as habilidades mais, senão as únicas desenvolvidas neste tipo de escola. Assim, o papel da escola era difundir a instrução, constituindo o professor como o centro de toda a transmissão conhecimento, bem como o preparo moral para a sociedade. Os conteúdos de ensino são os valores, a tradição e a cultura. A metodologia, como já foi sugerida, é a exposição verbal. O relacionamento entre professor e aluno caracteriza-se na autoridade, ou seja, aos alunos, cabia à submissão aos métodos aplicados na tentativa de assimilar os saberes que lhes eram transmitidos sem sequer comentá-los ou quiçá questioná-los “o aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la. Os objetivos implícitos ou explícitos referem-se à formação de um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta”. (LIBÂNEO, 1993, p. 64).

Ao longo dos anos, percebeu-se que para atender os seus objetivos a escola Tradicional se revelou ineficaz e uma nova teoria da educação foi tomando seu lugar, a Escola Nova. Novas formas de organização do ensino, problematizando o papel do educador e do educando, assumindo um compromisso com a transformação da escola foram criadas pela escola novista.

O papel da escola é adaptar o aluno ao meio em que vive, enfatiza-se o aprender a aprender. O método utilizado é o trabalho em grupo, aprender fazendo. Esta nova forma de organização do trabalho pedagógico contemplava: a globalização, o interesse e a participação dos alunos, bem

como uma reorganização do espaço da sala de aula. Colocavam o aluno como sujeito da aprendizagem.

Nesse movimento de reestruturação da forma de planejar encontram-se os centros de interesse, onde os conteúdos passaram a ser organizados de forma globalizada em oposição à escola tradicional, que os fragmentava. Não há lugar bem definido para o professor, basta ele tentar harmonizar e colocar a disposição do aluno materiais e experiências que sejam do seu interesse e estimulem suas capacidades para que ele possa por si só buscar e desenvolver o seu conhecimento. Isto é, “a ideia é a de que o aluno aprende melhor o que faz por si próprio”. (LIBÂNEO, 1993, p. 65).

Dentro desta nova concepção de planejamento, as matérias escolares passaram a ser organizadas em torno de um único centro de interesse, correspondendo à faixa etária e às necessidades da criança como: alimentar-se, vestir-se, proteger-se e recrear-se. Para trabalhar estas necessidades, constituíram-se ideias associadas como: a criança e a escola, a criança e seu meio, a criança e os animais, a criança e as plantas, a criança e a terra, a água, os minerais, o ar, as estrelas, e o sol.

A escola Não Diretiva, por sua vez, não apresenta uma metodologia definida, ou seja, não há uma preocupação com o planejamento, com os objetivos que se quer alcançar e menos ainda com a avaliação, tornando-se desnecessária. Apresenta-se mais democrática que a tradicional, pois, acredita que, a partir deste tipo de lógica de pensamento e educação, a sociedade viesse a se tornar mais justa e sem divisões sociais. A crença numa relação mais humana entre as pessoas e a autorrealização do sujeito é à base desta escola.

O papel principal do professor nesta escola é de formar atitudes nos alunos e de facilitador de relações, sem nenhuma preocupação com a aprendizagem e construção do conhecimento. Assim sendo, o papel desta escola é promover o autodesenvolvimento pessoal, os alunos buscam por si mesmo os conhecimentos. A educação é centrada no aluno, o professor é especialista em relações humanas.

Já no enfoque Tecnicista, desenvolvido no Brasil na década de 50 e ganhando maior autonomia nos anos 60, o planejamento didático era formal e previamente elaborado valorizando a instrução programada, de cunho instrumental, introduzindo no ensino uma pedagogia comportamental.

Essa pedagogia era inspirada numa concepção de sociedade produtivista, aplicando meios e princípios para dinamizar o processo de ensino aprendizagem, compatível com a orientação econômica, política ideológica do regime militar então vigente. Aqui os meios educativos foram autonomizados e o ensino remonta à forma dos métodos simplificados do conhecimento, portanto, assemelhando-se à Pedagogia Tradicional.

Desta forma, o papel da escola é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho. Os métodos de ensino são através de procedimentos que assegurem a transmissão e recepção de informações. Os conteúdos de ensino são por princípios científicos. O professor é o elo entre a verdade científica e o aluno.

Na segunda grande tendência pedagógica descrita por Libâneo, a Progressista, estão incluídas as escolas que visam à transformação da sociedade através da análise crítica da realidade. Entre elas estão três modelos significativos: a tendência progressista libertadora, a tendência Libertária e a tendência progressista Crítico Social dos Conteúdos.

Dentro das tendências de cunho progressista, destacou-se a Pedagogia Libertadora ou método Paulo Freire, que abordou os temas geradores como forma de planejamento e desenvolvimento das intervenções pedagógicas, que foram largamente empregadas na educação infantil. Caracteriza-se, principalmente, pelo antiautoritarismo e pela valorização das experiências vividas.

Esta pedagogia que surgiu por volta dos anos 80, mostrava-se interessada em propostas voltadas para o interesse da maioria da população. A atividade escolar busca centrar sua discussão em temas vinculados a sociedade e política uma vez que “trabalho escolar não assenta, prioritariamente, nos conteúdos de ensino já sistematizados, mas no processo

de participação ativa nas discussões e nas práticas sobre questões da realidade social imediata”. (LIBÂNEO, 1993, p. 69).

Nada mais propício do que a metodologia de temas geradores para esse tipo de trabalho com as crianças, pois estes temas advêm de situações e vivências que circundam a realidade destas. Assim,

Se a prática eleger temas geradores tem sua expressão no método de alfabetização de Paulo Freire, também se estendeu para o uso no planejamento educacional, sendo uma forma possível para promover integração curricular [...] articular, no trabalho pedagógico, a realidade sociocultural das crianças, o desenvolvimento infantil e os interesses específicos que as crianças manifestam, bem como os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito e acesso. (XAVIER; DALLA ZEN, 2000, p. 68-69).

O trabalho dos educadores, dentro desta pedagogia, era fazer a articulação com os complexos temáticos que serviram de referência para o processo de ensino aprendizagem, buscando-se suscitar conflitos que conduzem à apreensão dos saberes das diferentes áreas, a partir das hipóteses e das representações dos alunos.

A segunda tendência progressista que partia da análise crítica da realidade social era a escola Libertária, a qual se inseria num projeto de modificação da sociedade, passando por uma necessária transformação das consciências. Era um movimento em defesa da escola pública com a participação ativa e deliberativa da sociedade civil.

Para eles a educação derivava do princípio de liberdade. O movimento anarquista da época aqui no Brasil também se interessou pela política educacional, isto porque,

[...] a possibilidade de desvincular saber de poder, no plano escolar, reside na criação de estruturas de organização horizontais onde professores, alunos e funcionários formem uma comunidade real. É um resultado que só pode provir de muitas lutas, de vitórias setoriais, derrotas, também. Mas sem dúvida a autogestão da escola pelos trabalhadores da educação – incluindo alunos – é a condição de democratização escolar. (GADOTTI, 1999, p. 263).

A pedagogia libertária pregava a democratização da escola como sendo fundamental para a formação do indivíduo como um futuro cidadão.

Transformou-se mais num instrumento de luta dos professores, aliados as outras práticas sociais, do que numa pedagogia que visava à construção do conhecimento propriamente dito. Caracterizava-se pela autogestão pedagógica, pelo processo de aprendizagem grupal, é uma educação popular, não formal.

E, para contemplar a metodologia de projetos em sala de aula, conta-se com a pedagogia crítico-social dos conteúdos, esta assume os projetos de trabalho como forma de organizar o currículo valorizando a escola como mediadora entre o aluno e o conhecimento. Nesse tipo de planejamento,

[...] há um ganho em termos de construção da autonomia (decorrente do processo de tomada de decisão). Este também é um caminho propício para a prática interdisciplinar, uma vez que é o problema localizado na realidade que passa a ser o guia de trabalho, e não uma estrutura de conhecimento disciplinar previamente definida. (VASCONCELOS, 2000, p.151).

As diferentes maneiras de planejar o ensino que têm sido empregadas ao longo da trajetória da escola, que vão desde a listagem dos conteúdos da educação tradicional, passando pela organização destes, constituídos em tornos de centro de interesse da escolanovismo, ou ainda, as questões interdisciplinares caminhando por temas gerados na pedagogia libertadora até os projetos de trabalho da pedagogia crítico social dos conteúdos.

A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos pressupõe ao ensino o compromisso de proporcionar aos alunos o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades intelectuais, mediante a transmissão e a assimilação dos conteúdos juntando, no mesmo processo, a aquisição de noções sistematizadas e as qualidades individuais dos alunos. Deste modo,

A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos toma o partido dos interesses majoritários da sociedade, atribuindo à instrução e ao ensino o papel de proporcionar aos alunos o domínio de conteúdos científicos, os métodos de estudo e habilidades e hábitos de raciocínio científico, os métodos de estudo e habilidades e hábitos de raciocínio científico, de modo a irem formando a consciência crítica face às realidades sociais e capacitando-se a transformação da sociedade e de si próprios. (LIBÂNEO, 1993, p. 70).

Numa nova perspectiva de trabalhos desenvolvidos em sala de aula com os alunos, o trabalho com projetos, é eixo central da Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. Para que a escola possa cumprir seu papel social e educativo, o professor deve contextualizar a prática pedagógica de forma a ensinar o seu aluno a entender o significado do se aprender, através de experiências inovadoras, entendendo assim, como tirara tantas informações do seu saber.

Assim sendo a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos acentua a primazia dos conteúdos no confronto com as realidades sociais. A escola serve como espaço de mediação entre o indivíduo e o social, estimulando o saber elaborado.

O desenvolvimento de projetos visa uma mudança prévia no reconhecimento social do trabalho docente, juntamente com condições de recursos materiais e de ambientes escolares que permitam dignidade de trabalho.

[...] há um ganho em termos de construção da autonomia (decorre do processo de tomada de decisão) e da solidariedade (em função do trabalho ser grupal). Este também é um caminho propício para a prática interdisciplinar, uma vez que é o problema localizado na realidade que passa a ser o guia do trabalho, e não uma estrutura de conhecimento disciplinar previamente definida. (VASCONCELLOS, 2000, p. 151).

Assim sendo, uma breve passagem pelas diferentes pedagogias e maneiras de planejar o ensino, nos possibilita o vislumbamento, ainda que superficial, do surgimento dos projetos de trabalho e/ou pedagógicos. Também sintetiza como o planejamento e as metodologias têm sido empregadas ao longo da trajetória da escola, que vão desde a listagem dos conteúdos da educação tradicional, passando pela organização destes, constituídos em torno dos centros de interesse do escolanovismo, ou ainda as questões interdisciplinares caminhando por temas geradores na pedagogia libertadora até que os projetos de trabalho da pedagogia crítico-social dos conteúdos. Por outro ângulo, também, segundo Facchini (2001), indica que a educação ainda necessita um aprimoramento dos profissionais que nela atuam.

2 QUAL A ORIGEM DOS PROJETOS EM SALA DE AULA?

Estamos ajudando nossos alunos a globalizar; a estabelecer relações entre as diferentes matérias, a partir do que fazemos na sala de aula? (HERNÁNDEZ, 1998, p. 18).

Tudo começou com uma pergunta norteadora, quando três professores de quinta série da Educação Básica de uma escola de Barcelona tentaram responder. A resposta demorou nada mais nada menos do que quatro anos para ser respondida e é o que estarei pontuando neste capítulo.

Estes três professores perceberam que os alunos não viam sentido em estar na escola e o que aprendiam de pouco valia para a sua vida diária. Ou seja, “os problemas que lhes interessam e as preocupações que têm sobre suas vidas não encontram resposta num currículo acadêmico, fragmentado e organizado por matérias disciplinares.” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 19).

A preocupação surgiu quando na Grã-Bretanha, e um destes professores puderam conhecer o trabalho realizado nas escolas por meio de temas, no início dos anos oitenta. Conta ele que o que chamou a atenção foi poder comprovar que era possível organizar um currículo escolar não por disciplinas separadas umas das outras sem ligação entre elas, mas sim, por temas e problemas dos quais os alunos se sentissem motivados a aprender. Desta forma, nesta escola, em Barcelona foi constituído um grupo de estudos que, além de pesquisar e estudar muito começou a trabalhar em forma de projetos. Porém, antes de iniciar o trabalho em projetos, teve que estudar outras linhas e teorias pedagógicas, porque como já foi citada na introdução, a educação passou por várias fases e até hoje em constante transformação.

Ao longo do século XXI, falou-se muito em globalização, interdisciplinaridade, centros de interesse, etc., e o que acontece é que se acaba por difundir os termos. Todos possuem muitos pontos em comum, porém, também se diferem em vários aspectos. Cito o trabalho com centros de

interesse (Declory), que é diferente do que o trabalho com projetos, porque este enfoque segue três etapas: observação pessoal e direta através das ciências, associação no espaço e no tempo e expressão através da língua, desenho, corpo... O que faz Declory afirmar que “a maioria das aprendizagens é feita espontaneamente, por contato com o meio imediato.” (ZABALA, 1998, p. 148). Portanto constato que neste método de centros de interesse o aluno até participa da escolha do tema, mas, toda a montagem dos estudos fica por conta do professor. Com os projetos é diferente. O aluno participa ativamente do processo de montar o projeto, sendo sujeito ativo em todo tempo em que estiver em andamento, inclusive na etapa final, que é avaliação. Assim,

O movimento pedagógico a favor da globalização e da interdisciplinaridade nasceu de reivindicações progressistas de grupos ideológicos e políticos que lutavam por uma maior democratização da sociedade. Podemos constatar que ocorre uma coincidência temporal, por exemplo, entre os ataques que os movimentos sindicais no início do século dirigem contra as políticas trabalhistas e de produção planejadas sob pressupostos de “um controle”, segundo os princípios daquilo que Frederick Winslow Taylor rotulou de “management científico”, e, por outro lado, com os discursos de John Dewey e William H. Kilpatrick, exigindo uma reconsideração completa, tanto da função como da prática da educação. (SANTOMÉ, 1998, p.10).

A educação passou por muitas mudanças, sempre relacionada com os momentos históricos vividos na época de cada nova metodologia ou linha pedagógica. Sempre funcionou precisando de sujeitos que pensassem e de pessoas que simplesmente cumprissem ordens. E Tudo isto muito vem ao encontro com a educação, porque as classes dominantes sempre preferiram pessoas que tivessem o mínimo de escolarização. Quando a escola veio a ser uma obrigação para todos, era necessário que a pedagogia adotada continuasse simplesmente treinando ou ensinando alunos para obedecerem, repetirem e decorarem o que a escola ensinava sem contestar em hipótese alguma. Alunos muito disciplinados. Caso houvesse rebeldia, os alunos eram punidos com o consentimento de muitos pais, professores, enfim, toda comunidade que estava acostumada a cumprir ordens.

As consequências dessas desapropriações do saber foram de qualquer pessoa poderia facilmente ser admitida para qualquer função que não

envolvesse nada mais do que habilidades manuais, a força, ou trabalhos mecânicos. Em contrapartida, sem consciência de seus direitos, poderiam ser demitidas e substituídas por outra mão-de-obra barata. E assim, nas escolas, os professores, precisavam seguir seus programas, sem mesmo eles que deveriam ser os detentores do saber, poder contestar o que estava acontecendo. Faziam de suas aulas um repeteço de informações sem significado, sem contextualização, nem para os professores, nem tampouco para os alunos e o “resultado é que, como estratégias para sobreviver nas salas de aula meninos e meninas passam a acumular em suas mentes uma sobrecarga de fragmentos sem conexão uns com os outros, que só são aceitos baseados na repetição ou na autoridade”. (SANTOMÉ, 1998 p. 14).

Em todo o mundo, as pessoas geralmente estão muito preocupadas em estar na moda. Em consequência disto, muitas vezes tornam-se escravas delas mesmas, trabalhando desenfreadamente somente para sobreviver neste mundo que dita à moda. E quem não a segue pode ser chamado de ultrapassado, alguém que não é tão legal de conviver, como se o valor das pessoas estivesse na roupa que usa ou no carro que leva para os lugares. Não se valoriza mais o ser, mas sim o ter. Paulo Freire já dizia,

Uma crítica aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar que as facilidades que os caminhos verdadeiros podem colocar. Mulheres e homens seres históricos sociais, nos tornamos capazes de compra, de valor, de inserir, de escolher, de decidir, de romper, por isso nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. (FREIRE, 1996, p. 33).

A educação é algo muito sério. No momento em que percebo que uma linha metodológica é boa, não posso me atirar de cabeça e começar a trabalhar sem ao menos ter feito um estudo com análise profunda, com muita seriedade, sem levar em conta que estou sozinha na escola, faço parte de uma equipe e que deve com responsabilidade pensar, refletir e discutir juntos como trabalhar em favor da aprendizagem dos alunos.

Além disto, devemos lembrar que a escola e toda a equipe estão apoiadas no PPP (Projeto Político Pedagógico). O PPP deve ser construído

com toda a comunidade escolar e, quando pronto, ser utilizado pelos professores porque dá o norte ao trabalho e uma base para que o grupo consiga trabalhar com uma metodologia comum. Se acontecer de algo seduzir um professor, ele tem a obrigação de dividir com os colegas e analisar se o que atraiu pode ser aplicado na realidade em que está a escola. A escola é um espaço que deve estar aberto a mudanças, mas estas devem ser fruto de reflexão conjunta de estudos e de pesquisas sobre o tema, para que as decisões sejam bem ponderadas e comprometidas com o processo de ensino-aprendizagem vivido pelos alunos.

Sabemos que o mundo não funciona de maneira fragmentada, mas ao contrário, as disciplinas se interligam. Vivemos num mundo globalizado onde tudo está interligado, as situações culturais, políticas, científicas, ambientais, enfim, muito se pensou e descobriu-se que estavam na escola, se contrapondo ao mundo, deixando as realidades, as vivências, do lado de fora da vida escolar. Neste momento entram as teorias já citadas, a interdisciplinaridade, métodos por projetos (nascidos na Espanha), centros de interesse (Declory), enfim, estudos que visam mudar esta cruel situação vivida nas escolas durante muitos tempos, e que infelizmente perduram em muitas realidades educacionais, para tristeza de muitos estudiosos e professores, mas, ao contrário, para a alegria de muitos outros donos do poder. Contudo,

Em todas as áreas, mas, sobretudo na educação, o caminho se faz enquanto se anda. A grande descoberta é que não há exemplos prontos e fechados para seguir. O que é um horizonte social que inclui não uma forma acabada de estruturas sociais, mas um conjunto de princípios que servem de rumo dentro de uma realidade determinada e uma proposta metodológica que torne possível a aproximação deste horizonte. (GANDIM; CRUZ, 1995, p. 22).

A fala de (GANDIN; CRUZ, 1995, p. 22) – “o caminho se faz enquanto se anda” – nos remete a caminhos que podem se interligar, projetos que visam trabalhar de maneira interdisciplinar, que se liga, se cruzam. Assim são as descobertas que os alunos e professores constroem a partir de projetos que fazem com que a curiosidade dos alunos seja satisfeita, projetando novos aprendizados, novos conhecimentos. Sobre a curiosidade (FREIRE, 1996, p.

88) afirma, “satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-se e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser no mundo, sem a transitividade de nossa consciência”. E isto é interessante nos projetos, porque uma curiosidade nos remete a outra e assim sempre estamos dispostos a aprender, buscar o conhecimento, e este é o objetivo da educação, que os alunos autônomos saibam como ir à busca do conhecimento, porque como diz um dito popular “não adianta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar.” E os bons pescadores, certamente, são aqueles que perguntam muito mais do que respondem. Assim, deveriam ser os educadores, hoje, instigadores de perguntas, menos preocupados e interessados nas respostas certas e transmissoras de verdades absolutas.

Desta forma, entra o trabalho em projetos. Baseado em Piaget, em Vygotsky, que acreditam que o sujeito pode construir o seu conhecimento através da interação com o meio, onde o professor é um facilitador, não menos importante que na pedagogia tradicional, mas muito mais comprometido. O projeto pode contribuir para que o aluno encontre na escola possibilidade de mostrar o seu potencial através de aulas interessantes, com o propósito claro, tanto para ele quanto para o professor. O que seria propósito claro? O objetivo do projeto, ou seja, o que se pretende descobrir e qual caminho se deve percorrer para chegar a este propósito. É neste ponto que entra a função da escrita e da leitura, a pesquisa, a curiosidade, o interesse em aprender algo que tenha sentido aos alunos, que dê significado às suas descobertas.

E justamente era esta a preocupação que o grupo de estudos da Escola Pompeu Fabra (Barcelona) trazia: dar sentido à educação. Uma educação em que os alunos realmente tivessem interesse e percebessem o sentido de estar aprendendo, onde os alunos se sentissem protagonistas da própria aprendizagem, sabendo como pesquisar e buscar fontes de estudos. Outra questão foi à realidade em que os alunos se encontram.

Segundo estes estudos, o trabalho escolar deve levar em conta o contexto dos alunos além dos conhecimentos prévios para, a partir daí, organizar o que eles têm curiosidade em descobrir. Por meio destas

preocupações, que estavam sendo considerados, os professores do grupo de estudos mencionaram alguns aspectos relevantes descritos no próximo parágrafo. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 63).

O professor deveria ter conhecimento pedagógico para poder estar atuando em classe, e também, como já foi dito os conhecimentos prévios dos alunos, para seguir o seu trabalho; fazer uma relação do currículo escolar e dos problemas reais que são apresentados fora da escola pelas disciplinas, ou seja, contextualizar as próprias disciplinas, para dar sentido ao processo de ensino. O diálogo em sala de aula como ponto fundamental em todo o processo da aprendizagem; e por fim, a organização junto com os professores de uma educação para a compreensão, ou seja, uma atitude globalizadora que juntasse a construção da subjetividade tanto dos alunos quanto dos professores.

Ainda vale pontuar que os projetos de trabalho não se apresentam como um método ou uma pedagogia, mas sim, como uma concepção da educação e da escola que deve levar em conta: a abertura dos problemas que acontecem fora da escola que vão além do currículo básico; a importância da informação que circula facilmente no meio em que os alunos estão inseridos; o professor é um problematizador da relação dos alunos com o conhecimento, o que faz com que o professor saia do papel de instrutor para também aprender; o professor, neste processo precisa em constante escuta para poder construir com os alunos experiências substantivas de aprendizagem. Experiência substantiva é aquela que não se apresenta como um único caminho e faz com que o aluno crie uma atitude investigadora, dando sentido às vidas deles, porque aprendem deles mesmos, ou a partir deles, entendendo assim o mundo que os rodeia.

Outro aspecto importante são os registros que são feitos antes, durante e depois dos diálogos pedagógicos, fazendo com que a escrita realmente tenha seu sentido, e responsabilizando os alunos em todos os momentos do projeto. A organização do currículo não por disciplinas fragmentadas e inflexíveis (muitas vezes sem sentido algum), mas a partir de um currículo integrado que

leva em conta não as metas, mas os objetivos que se tem e o processo que se faz para chegar a este objetivo. A autodireção dos alunos a partir de atividades individuais ou coletivas; a avaliação também faz parte das experiências substantivas de aprendizagem no momento em que o aluno precisa reconstruir o seu processo e transferir o seu conhecimento criando estratégias de aprendizagem que façam sentido a ele.

3 PROJETANDO PARA DAR SENTIDO À EDUCAÇÃO

O aluno aprende quando forma significativa a informação ou os conhecimentos que se apresentam na sala de aula. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 31).

O sentido na educação somente pode existir quando, em primeiro lugar, o professor vê sentido no que está fazendo na escola. E para poder ter este sentido, ele precisa acreditar na sua metodologia, porque muitos nem isto possuem. Quando o docente encontra o sentido de ser professor, e dá sentido ao seu fazer, automaticamente suas aulas serão mais prazerosas, tanto para ele quanto para o aluno. O que seria então sentido? Pontuo o sentido como a compreensão de sua ação pedagógica. É aí que está a palavra mágica. Não adianta querer que os alunos encontrem um sentido em estar na escola, que compreendam o que fazem neste ambiente, se o professor não compreende a sua própria prática educativa. E isto envolve muito estudo por parte do docente. Desta forma, “um dos objetivos de qualquer profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhora profissional mediante o conhecimento e a experiência para dominá-las.” (ZABALA, 1998, p. 13).

Para que realmente o professor seja competente no que faz, não basta somente a experiência e o conhecimento. Claro que os dois aspectos são importantíssimos, mas não bastam. Acredito que, em primeiro lugar, o professor deve ter coragem de aprender todos os dias e humildade de assumir que não sabe tudo e que a aprendizagem fará parte de toda a sua vida. Precisa saber que é um ser inacabado sujeito a mudanças e que em hipótese alguma, deve se achar o senhor da verdade e dono do conhecimento, porque este é o contraponto dos projetos. Alunos e professores aprendem juntos. Segundo (FREIRE, 1996, p. 50), “O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou da sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

Quem acha que já sabe tudo não pode dar mais aula, porque não estará motivado a possíveis mudanças. Tudo isto envolve reflexão, que deverá nortear o trabalho do professor que deseja atuar em forma de projetos, porque é justamente isto que os alunos estarão fazendo no decorrer de um projeto: refletindo, pesquisando, aprendendo juntos em interação com os colegas, professores, livros, internet, pais, enfim, todos os envolvidos no processo. Contudo,

A educação escolar tenha que estabelecer-se os seguintes objetivos: combinar a aquisição e conhecimentos, a estruturação da inteligência e o desenvolvimento das faculdades críticas; desenvolver o conhecimento de si próprio; avivar de forma permanente, as faculdades criativas e imaginativas; ensinar a desempenhar um papel responsável na sociedade; ensinar a comunicar-se; ajudar os estudantes a prepararem-se para mudar e capacitá-los para adquirir uma visão global. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 49).

Foi a partir desta proposição que os professores da Escola (Barcelona) deram mais sentido ao que estavam estudando e buscando com os trabalhos realizados na escola, tentando dar significado ao que estavam realizando com os alunos e, mais ainda, fazer com que os alunos encontrassem significado no processo de ensino aprendizagem. No entanto,

Abordar a aprendizagem a partir de uma posição de significatividade requer esclarecer dúvidas em sua concepção e também na criação

de situações de aprendizagem; sobretudo, quando se pretende conhecer o que está assimilando cada um dos alunos, que conceitos ou procedimentos dos trabalhos adquirem significação na situação proposta. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 32).

O que se entende por aprendizagem significativa? Na sala de aula não estamos trabalhando somente com um ou dois alunos fisicamente diferentes entre si. O que difere de um aluno para outro aluno é o seu mundo de significados. Dessa forma precisamos pensar que a forma de atuar pode ser mais significativa para um do que para outro, porém, não se pode deixar que isto atrapalhe a maneira de trabalhar com projetos significativos. Quando o docente tem a sensibilidade e percebe que é ele que deve conduzir o grupo de maneira que esta significatividade faça parte da vivência dos alunos. Como? Seduzindo o aluno com aulas que, além de significativas, possam ser desafiadoras, que façam os alunos pensar, encontrar soluções, onde as crianças ou adolescentes tenham prazer em estar na escola, onde a aprendizagem seja envolvente. E isto só consegue quem ama o que faz quem é apaixonado pela sua profissão e consegue fazer com que os alunos encontrem nas aulas toda significatividade que lhe seja possível. Claro que alguns a mais que os outros, mas o fato é que com os projetos envolventes, a aprendizagem acontece de forma comprometida para a maioria dos alunos. Portanto,

Ensinar é também estimular o desejo do saber. Só se pode desejar ler, calcular de cabeça, falar alemão ou compreender o ciclo da água, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos. Às vezes isso é difícil, porque a prática em jogo permanece opaca, vista do exterior. Como alguém que nem mesmo imagina o que é o cálculo diferencial poderia desejar dominá-lo? (PERRENOUD, 2000, p. 71).

Os projetos geralmente partem de uma indignação da turma ou de algo que se queira resolver, ou seja, de um problema. Por isto que um projeto nunca será o mesmo em duas turmas, pelo fato de se tratar de turmas diferentes com alunos que diferem entre si. Também importante é que o professor ensine a escutar, ou seja, o que se escuta de um colega, de um grupo, também faz parte do aprendizado. E trabalhar em projetos submete as aulas faladas, onde os alunos relatam o que aprenderam, trocam ideias, mas em contrapartida

também ouvem o que os colegas falam e aprendem a valorizar e reconhecer o outro, o que vai além dos conteúdos em sala de aula. Mais uma vez a aprendizagem é para a vida.

3.1 Passos que dão sentido ao projeto

Quando se inicia um projeto em sala de aula, ele deve seguir passos que serão o corpo do projeto e irão indicar os caminhos a serem percorridos tanto pelos alunos quanto pelos professores. Portanto, deve ficar bem claro que o projeto não parte somente do professor, mas a montagem e a esquematização é uma ação conjunta entre os alunos e o professor. Eis aqui alguns passos que eu adotei para iniciar os projetos com os meus alunos:

O que sabemos sobre o assunto escolhido?	O que queremos descobrir a partir desta indagação?	Como descobrir?	O que fazer para desenvolver um bom projeto?
Neste espaço os alunos registraram o que sabiam sobre o assunto. Está prática pode ser feita através do diálogo. Os alunos fizeram colando imagens num cartaz sobre o assunto.	Neste espaço os alunos registraram o que queriam aprender sobre o assunto escolhido.	Combinamos como iríamos encontrar respostas para as nossas dúvidas e quais são os locais ou pessoas que nos iriam ajudar nesta etapa. Internet? Livros? Jornais? Entrevistas?	O que iremos fazer de concreto com as nossas descobertas? Iremos confeccionar maquetes, cartazes? Como iremos partilhar os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa com os colegas?

Estes passos são registrados em um cartaz grande e acessível aos alunos e professores, além de todos os alunos também levar o esquema e todos os seus registros para casa num portfólio para poder procurar as respostas, realizar os registros e envolver os pais e familiares no processo de ensino aprendizagem. Durante o andamento dos projetos, em vários momentos recorreremos ao esquema para verificar se estamos dentro do enfoque e ver o que ainda falta para que o projeto seja concluído. Como já foi citado, o trabalho pedagógico deve estar alicerçado ao Projeto Político Pedagógico da Escola, e, se está baseado em projetos, nada mais gratificante do que haver a troca, a reflexão, a crítica envolvendo os projetos de turmas diferentes. Assim o

trabalho será mais produtivo, o aprendizado mais completo e conseqüentemente sujeitam as novas indagações para buscar novos conhecimentos. Então, outros projetos surgirão.

Este é outro passo importante dos projetos. Eles sempre partem de um início e sempre terminam. Muitas vezes um assunto envolve o outro. Saímos de um estudo com novos questionamentos, mas precisamos ter o cuidado de não misturar, porque pode virar uma bagunça e assim os alunos e professores perderão o norte, a direção. O que se faz é anotar as dúvidas e quem sabe ao final de um projeto, já ter outros questionamentos e dúvidas a serem respondidas, começando com um novo projeto. Hernandez afirma que

O caminho do conhecimento implica busca e aprofundamento das relações tanto procedimentais como disciplinares; mas também do desenvolvimento da capacidade de proporem-se problemas, do aprender a usar fontes de informações contrapostas ou complementares, e saber que todo ponto de chegada constitui em si um ponto de partida. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 43).

É justamente pela capacidade de propor problemas, usar fontes de informações, que o projeto é tão significativo e atraente, porque tanto os alunos como o professor aprendem junto e decidem o que descobrir como descobrir, onde descobrir e o que fazer com estas descobertas e os novos aprendizados adquiridos. Sendo assim, todo projeto deve ter um ponto de partida e ponto de chegada, ou seja, começa e termina. Trabalhando desta forma, os alunos se tornam conscientes de seu papel e responsáveis pela própria aprendizagem, sempre com o suporte que o professor deve dar em todo o processo de ensino aprendizagem, como alguém que orienta que media e conduz o processo para que não se perca o entusiasmo e o interesse pelo conhecimento que é fundamental no processo, sendo assim necessária muita criatividade, propondo atividades desafiadoras dentro do enfoque que o assunto dá, porque,

É importante que a informação necessária para construir os projetos não está determinada de nem depende do educador ou do livro texto está sim em função do que cada aluno já sabe sobre o tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 64).

O ponto de partida é definir que tema será abordado na turma. Na escolha devem-se seguir alguns critérios, e os alunos juntamente com o professor analisam diferentes temas avaliando suas curiosidades, relevância e interesse da turma. Não se escolhe um tema somente por achá-lo interessante, mas os alunos discutem partindo de conhecimentos prévios ou a partir de projetos já trabalhados, ou então, “origina-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro projeto.” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 66).

Neste sentido que entra o diagnóstico e o conhecimento que o professor deve ter para desenvolver um trabalho que seja realmente significativo para os alunos, porque, “planejar é descobrir as necessidades de uma realidade e satisfazê-las”. (GANDIM; CRUZ, 1995, p. 64). Conquanto, quando o professor procura levantar dados, conhecer a realidade de seus alunos, de certa forma já está trazendo mais significado as suas aulas, procurando satisfazer as necessidades reais do grupo, sejam por projetos ou não. Porém, isto não basta. O professor precisa conhecer e entender as fases do desenvolvimento de seus alunos, tendo como ponto de partida a faixa etária, para não subestimar os alunos e nem exigir de mais do que suas capacidades cognitivas. (SANTOMÉ, 1998, p. 225) também apoia esta ideia: “as estruturas cognitivas são bastante homogêneas em seu desenvolvimento e funcionamento”.

Além de tudo isto, o professor automaticamente acaba aprendendo muito mais do que se seguisse uma metodologia mais tradicional, envolvente e participativa. Quando os alunos têm alguma curiosidade nova, por exemplo; querem saber por que os dinossauros foram extintos da face da terra. O professor tradicional não precisará se preocupar em saber sobre este assunto num 2º Ano do Ensino Fundamental, porque não seria um conteúdo para esta turma. Mas, ao trabalhar com projetos, esta dúvida fará com que todos juntos busquem respostas para os diversos campos do conhecimento.

Outro ponto importantíssimo. Todos os conteúdos precisam ser muito bem desenvolvidos dentro de todas as séries. E isto deverá ser possível

trabalhando em forma de projetos. O que muda não são os assuntos, mas o envolvimento dos professores e alunos, a forma de procurar e construir o conhecimento.

3.2 A interdisciplinaridade e os projetos se casam?

Interdisciplinaridade é um termo muito falado entre os professores, mas muitas vezes pouco compreendido, usado simplesmente sem presumir reflexões. Em cursos e seminários se fala bastante, escutam-se palestras, porém tudo fica muito longe aos olhos do professor. Falha dos docentes que querem tudo muito pronto. Porém quando há interesse e motivação para aprender o professor pode ter em suas mãos muitas biografias interessantes que falem sobre o assunto. Na verdade, interdisciplinaridade não é um método, assim como projetos também não são. Interdisciplinaridade é um processo, uma filosofia que pode auxiliar e muito os docentes para que se tenha uma boa qualidade de ensino. Santomé define desta forma,

A interdisciplinaridade é fundamentalmente um processo e uma filosofia de trabalho que entra em ação na hora de enfrentar os problemas e questões que preocupam em cada sociedade. Embora não exista apenas um processo, nem muito menos uma linha rígida de ações a seguir existe alguns passos que, com flexibilidade, costuma estar presente em qualquer intervenção interdisciplinar. (SANTOMÉ, 1998, p. 65)

Lendo e analisando os estudos de Santomé, percebe-se que um ponto em comum entre interdisciplinaridade e projetos são alguns passos que são necessários seguir. Basicamente entende-se que o termo seria um currículo integrado onde as disciplinas não seriam mais apresentadas separadas, fragmentadas e em todas as aulas as disciplinas deveriam estar interligadas entre si. Desta forma o contrário seria disciplinas separadas como se o mundo fosse separado por gavetinhas e tudo tivesse um momento certo para acontecer. E o pior, como se nós pensássemos de forma estanque, ou seja, agora vou pensar somente em história, matemática, língua portuguesa. Porém

as coisas não acontecem desta forma. O mundo é globalizado. Não existe um fato histórico que não tenha ligação com o outro.

Assim é com as disciplinas. Elas podem e devem estar interligadas para que o aluno possa entender o seu mundo do jeito como ele é, e não como muitas vezes acontece: O que é ensinado na escola não tem relação com o mundo em que vivemos. Isto porque projetos presumem projetar verbo que remete a ampliar o olhar, tanto do aluno quanto do professor e ampliar o olhar, faz com que eu seja interdisciplinar, porque me lanço para o mundo que, como já foi dito é globalizado. Assim,

Se algo está caracterizando a educação obrigatória em todos os países, é o seu interesse em obter uma integração de campos do conhecimento e experiência que facilitem uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, ressaltando não só dimensões centradas em conteúdos culturais, mas também os domínios dos processos necessários para conseguir alcançar conhecimentos concretos e, ao mesmo tempo, a compreensão de como se elabora, produz e transforma o conhecimento, bem como as dimensões éticas inerentes a esta tarefa. Tudo isso reflete um objetivo educacional tão definitivo como é o "aprender a aprender". (SANTOMÉ, 1998, p. 27).

Este o diferencial do trabalho com projetos: os alunos aprendem como aprender porque eles buscam o conhecimento, se apropriam daquilo que estão descobrindo e não esquecem, porque faz parte do mundo, da vida deles e mais ainda do interesse. Tudo tem muito significado para o sujeito que está aprendendo: professor e aluno.

Como expus anteriormente, interdisciplinaridade e projetos são duas coisas separadas, mas que tem muitos aspectos em comum. O professor pode ser interdisciplinar, mas nem por isto dizer que seja um docente que trabalha com projetos. Ao contrário, se o professor trabalha com projetos, automaticamente será interdisciplinar. Ser interdisciplinar é conseguir interagir as disciplinas entre si em um assunto ou tema estudado. Por exemplo: Se dentro de duas semanas quero abordar com os meus alunos sobre água, vou criar várias propostas, leituras, atividades, pesquisas, experiências que englobem o assunto dentro de todas as áreas do conhecimento como Matemática, História, Língua Portuguesa, Geografia, enfim, o assunto estará

abordado em todas as disciplinas sem que os alunos percebam, porque as aulas não serão estanques, trocando de caderno para cada disciplina.

Contudo, sei que ser interdisciplinar não é uma atitude tão aceita pelos colegas. Penso que a dificuldade se dá pelo fato da maioria ter passado por uma educação muito fragmentada e este é o modelo que a maioria possui. Este pode ser um fator da resistência que muitos docentes encontram. Mas sei que não é somente isto. Na verdade, percebo entre docentes certa acomodação. Muitos acham que mudar a metodologia dá muito trabalho e acabam realizando um trabalho muito mecânico, sem muito comprometimento e envolvimento. Seguem o que fica mais fácil. Adotar livros didáticos e segui-los fielmente tal como estão, sem nenhuma contextualização. E sabemos que dar aula assim é muito fácil. Qualquer um pode fazer isto sem precisar estudar para isto. E este é um dos motivos do descaso por parte de muitos com a nossa classe. Não mudar, ou simplesmente não considerar ideias novas é acomodar e ter medo de correr riscos, mas quem não corre risco nunca vivencia o prazer da alegria pelo sucesso realizado com uma dosagem de ousadia.

Quando trabalho de maneira interdisciplinar ou em forma de projetos, podemos ver o que estes dois têm de diferentes. Onde estão as diferenças? Está claro para mim, que trabalho e acredito nesta forma de trabalho, quando coloco que o professor, somente o professor, que escolhe o tema, orienta os alunos, planeja e o aluno somente executa o que o professor propõe. Não posso afirmar que desta forma seja pior, ou melhor, do que com projetos, mas posso dizer que trabalho das duas maneiras. Muitos professores podem trabalhar em forma de projetos e não realiza um trabalho tão bom quanto um professor que trabalha somente de forma interdisciplinar. O que deve existir é muita clareza do que se quer e o professor precisa estar muito seguro da sua proposta.

Não adianta eu querer trabalhar em forma de projetos só porque vi uma colega trabalhando, ou porque aprendemos no PEAD e achei interessante. Tem que haver muito estudo sobre o assunto, dedicação e comprometimento

para trabalhar não somente em projetos, mas em qualquer metodologia. Quando o professor entra na onda dos modismos, conseqüentemente seu trabalho não apresenta consistência, porque a maioria dos professores não se aprofunda sobre as metodologias existentes e acaba fazendo de suas aulas uma grande salada de frutas. Hernández ressalta que:

Por último a noção de método também está marcada pela ideia de moda e de novidade. Muitas vezes as inovações que chegam as escolas são geradas em outros lugares culturalmente diferentes ou respondem as necessidades de alguns docentes, não podendo ser adotadas por todos os professores. (HERNÁNDEZ, 1998 p. 78).

Quando o professor e seu grupo de colegas simplesmente realiza atividades sem ter ou perceber o verdadeiro sentido não terá significado algum para os alunos. Será somente algo a mais para preencher o tempo. Por exemplo: quando faço um ditado com meus alunos porque estou fazendo? Só porque sempre foi feito, ou realmente quero perceber como meus alunos estão escrevendo, no caso da alfabetização em qual nível se encontram. Por isto afirmo que sem estudo nunca haverá uma educação de qualidade. Refiro-me ao estudo dos professores, que eles saibam o que realmente estão fazendo dentro das salas de aula, que sintam motivados a aprender, entender as fases do desenvolvimento dos alunos (a maioria não sabe). Não adianta dizer que sou construtivista, que trabalho com temas geradores, se nem sei como meus alunos aprendem. Contudo,

O mais extraordinário de tudo é a inconsciência ou o desconhecimento do fato de que quando não se utiliza um modelo teórico explícito também se atua sob um marco teórico. De certo modo, acontece o mesmo que apontamos ao nos referir à função social do ensino: o fato de que não explicito não quer dizer que não exista. Por trás de qualquer prática educativa sempre há uma resposta a “por que ensinamos” e “como se aprende”. (ZABALA, 1998, p. 33).

Desta forma, vale responder ao questionamento do título, “interdisciplinaridade e projetos se casam?” Com certeza se casam porque possuem muitas coisas em comum, e se não trabalho de forma interdisciplinar, de maneira alguma posso trabalhar em forma de projetos. Também se trabalho

de maneira interdisciplinar preciso tomar cuidado para trazer para a sala de aula propostas que sejam significativas e que estejam dentro do contexto dos alunos, se não prestar atenção nestes fatos minhas aulas continuarão estanques, sem sentido, longe do interesse e compreensão dos alunos porque,

Vale alertar que se o professor analisar adequadamente o seu cotidiano escolar e vital irá identificar facilmente inúmeras dificuldades que resultam da ótica fragmentada, o que, por si, estabelece a necessidade do enfoque interdisciplinar e globalizado no ensino. (LÜCK, 1997, p. 33.)

3.3 A aprendizagem significativa: curiosidade que motiva e instiga

“Criar um clima de envolvimento e de interesse do grupo, e em cada pessoa, sobre o que se está trabalhando na sala de aula. Ou seja, reforçar a consciência de aprender do grupo.” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 69). É isto que o professor deve ter em mente, seduzir os alunos, criando um ambiente propício para que a aprendizagem aconteça. E esta aprendizagem somente acontecerá se o professor conseguir seduzir e instigar a curiosidade de seus alunos.

Freire destaca o aspecto da curiosidade epistemológica, citada por Paulo Freire, o individuo não alcançaria o conhecimento cabal do objeto, porque é ela que sempre move a humanidade para o progresso. Ele fala bastante da curiosidade epistemológica. Entendo que sem ela estaríamos hoje em dia ainda andando a cavalo, sem energia elétrica, sem as facilidades que a vida moderna nos oferece. E tudo isto devemos à curiosidade que moveu nossos antepassados a irem busca de soluções para os problemas que enfrentavam. Graças a ela que impulsionou grandes descobertas que temos hoje em um mundo globalizado, podemos saber o que acontece de importante do outro lado do mundo em questão de minutos. É ela que motiva para a criatividade, e faz com que consigamos realizar façanhas que nossos antepassados nunca ousaram pensar, como por exemplo, conversar via internet com uma pessoa que mora na China, em outro tempo real. Assim (FREIRE, 1996, p. 32) coloca, “a curiosidade como inquietação indagadora,

como inclinação ao desenvolvimento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fundamental vital”.

Todo o projeto, antes de ser iniciado, parte de uma indagação do grupo de alunos, no geral de alguns alunos, que acabam envolvendo todos os outros ou então de algum fato que pode ter ocorrido na atualidade que vira manchete e instiga a curiosidade dos alunos. Após esta etapa, que na verdade é a escolha do tema, a curiosidade continua em todo o decorrer do processo de montagem do projeto do processo de estudo e o final quando os alunos conseguem através de vários estudos com o auxílio do professor sanar suas curiosidades porque,

Definitivamente a organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção de globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual a relação entre conteúdos e área do conhecimento tem lugar em função das necessidades que traz consigo e faz se resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 63).

Depois que a turma, juntamente com o professor, escolheu o tema, o professor precisa seguir alguns passos que irão auxiliá-lo a organizar todo este tempo em que estarão aprofundando o tema. Estes passos são importantes para organizar o trabalho e saber que rumo tomar permitindo acompanhar os alunos em todas as etapas do projeto em andamento:

- a) *Especificar o fio condutor:* ter muito claro e se não tiver pesquisar e se aprofundar sobre os PCC (Parâmetros Curriculares);
- b) *Buscar materiais:* especificar os objetivos e conteúdos que terá ao longo de todo o projeto tendo em mente a pergunta – o que pretendo que os diferentes componentes do grupo aprendam com o projeto;
- c) *Estudar e preparar o tema:* este critério também é importantíssimo na medida em que possibilita apontar novidades, propor perguntas de forma que o aluno vá construindo novos conhecimentos e

se for necessário estudar muito para sanar as próprias dúvidas acerca do tema escolhido.

d) *Envolver os componentes do grupo:* criar um clima de envolvimento e de interesse no grupo de cada pessoa sobre o que está trabalhando na sala de aula. Ou seja, o professor conduz os alunos e cria consciência de aprender no grupo.

e) *Destacar o sentido funcional do projeto:* possibilita a previsão dos recursos que permitem expor ao grupo a atualidade e a funcionalidade do projeto.

f) *Manter uma atitude de avaliação:* planejar o desenvolvimento do projeto sobre a base de uma sequência de avaliação. Primeiramente a avaliação será inicial: o que os alunos sabem sobre o tema, quais são suas hipóteses e referências de aprendizagem. Em segundo lugar, deverá em todo o processo verificar o que os alunos estão aprendendo e como estão acompanhando o desenvolvimento do projeto. Por final, propor para que os alunos se expressem verbalmente ou por escrito, para perceber o que aprenderam em relação à proposta inicial, se são capazes de estabelecer novas relações.

g) *Recapitular o processo seguido:* Baseia-se em recapitular todo o processo para que possa ser utilizada como memória de cada docente (quando a turma possui mais de um professor), como ponto de partida para um novo projeto. Mas não somente guardar na memória, e sim, reconstruir, agregar e criar novos significados, para ampliar os horizontes dos conhecimentos.

No entanto, vale reforçar que estes itens não são seguidos por todos os professores da mesma maneira, mas servem como base para um trabalho sério e comprometido ao iniciar um projeto com os alunos. Todas as etapas são importantes, e não somente o professor, mas os alunos seguem um roteiro que será orientado pelo professor. Porque existe uma interação entre aluno,

professor e o saber. As tarefas que os alunos precisam ter são importantes para que de fato o projeto tenha o seu sentido e o objetivo seja alcançado, porque não é somente o professor que tem o objetivo como nas aulas tradicionais, já que o aluno é um sujeito ativo em todas as etapas do projeto, sabedor dos objetivos que querem alcançar.

Quando o projeto for com turmas menores é necessário realizar as tarefas coletivamente. Além do mais, as tarefas que seguem não são as únicas que os alunos realizam e nem seguem esta ordem.

1. Depois da escolha do tema, os alunos realizam um índice ou uma tabela onde colocam os aspectos que irão desenvolver no decorrer do projeto. Esta tabela irá auxiliar a organizar seus passos além de motivá-los sem perder o sentido globalizado do projeto.
2. Os alunos discutem pontos em comum de suas tabelas. Quando o trabalho for com alunos pequenos, a tabela poderá ser igual para todos e, com o passar do tempo, após ter realizado vários projetos, podem ser feitas tabelas em pequenos grupos.
3. Os alunos buscam informações que os auxiliam a desenvolver seu projeto. Esta busca aonde ser uma nova informação escrita, conferências de novidades, visitas a museus, exposições em instituições, apresentações de vídeos, programas e pesquisas em computador, entre outras, dependendo do projeto.
4. Realiza o tratamento da informação, ou seja, interpreta a realidade, ordena-a, e propõe novas perguntas.
5. Analisa a tabela, (quando pequenos em grupo) para verificar o que ainda falta realizar e descobrir.
6. Realiza a avaliação tanto do projeto em si, quanto das suas aprendizagens, envolvimento, interesse, participação.

7. Novas perspectivas. Os alunos ou o professor, dependendo do envolvimento e necessidade do grupo propõe novas perguntas para outros temas.

Durante o projeto, os alunos estarão em constante troca de ideias, hipóteses, teorias, pontos de vista, e o professor deverão estar sempre medindo o trabalho para que os alunos aprendam a respeitar opiniões contrárias, bem como saibam se impor em suas hipóteses. Percebe-se que este trabalho é muito rico porque vai além de conteúdos. Ou seja, os alunos aprendem a se posicionarem e respeitarem o outro, coisas que deverão levar para a vida, como por exemplo, a observação, previsão, criar hipóteses, avaliar as palavras de Santomé inspira-nos:

Entre estes se incluem diversas ideias como as de observação, comunicação, dedução, medição, classificação, previsão e outros processos mais complexos, como organizar a informação, tomar decisões, analisar variáveis, revisar, comparar, contrastar, sintetizar e avaliar, etc. Os defensores de uma filosofia curricular que ressalte os processos exigem também para sua legitimação, que ela se baseie no lema de “aprender a aprender”. (SANTOMÉ, 1998, p. 116).

Afirmo que, se estas habilidades citadas por Santomé estiverem aos poucos bem internalizadas pelos alunos, a escola terá cumprido seu papel fundamental que é o de ajudar os alunos para que sejam cidadãos críticos e conscientes. Porque, ao contrário, numa educação tradicional onde o aluno simplesmente decora o conteúdo para a prova e precisa repetir e realizar tarefas sem sentido algum para ele, estas habilidades nunca serão desenvolvidas, salvo se este aluno tiver a sorte de ter em casa pais ou pessoas que consigam desenvolvê-la.

4 PORQUE TRABALHAR COM PROJETOS?

O trabalho com projetos possibilita resgatar manifestações, propondo um paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente, em que o professor neste contexto, é o mediador, o estimulador, articulando as experiências extras e intraclasse, em que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento a partir de produções coletivas realizadas em períodos delimitados e estabelecidos com o grupo.

A vida acontece na multiplicidade de novos interesses, ela se mostra muito rica e dinâmica, para ficar restrita a cópias e memorizações puras e sem significados para os seus alunos. Os projetos partem geralmente de situações cotidianas da vida do aluno, valorizando o seu conhecimento prévio, para então ampliar seu horizonte de conhecimento, transformando o aluno em protagonista da sua própria história e agente de mudança através da reflexão, ação e ampliação de seu universo. Esta forma de organização curricular globalizada entende a escola como geradora de cultura e não só de aprendizagem de conteúdos, mudando a organização do espaço e do tempo escolar. Por isso,

[...] a organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção de globalização entendida muito mais como um processo interno do que externo no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 63)

Nesse sentido, vale ressaltar que dois aspectos essenciais presentes nos projetos são globalização e significatividade, aspectos que passam ao longo das aulas monótonas e repetitivas, muito comuns ainda hoje, mesmo nas salas da quarta série.

Porque globalização? Porque um projeto não surge do nada, de forma estanque e descontextualizada. Significativo porque ajuda o aluno a se tornar consciente de seu processo de aprendizagem, ou seja, o aluno é o principal

sujeito na construção de seu conhecimento. O que por sua vez, exige que o professorado responda aos desafios que estabelece uma estruturação muito mais aberta e flexível no que diz respeito ao planejamento.

Para que um projeto atenda as necessidades dos alunos, e os transforme em sujeitos de sua história, ele precisa levar em conta alguns aspectos fundamentais e necessários como, a faixa etária em que se desenvolverá determinado assunto, uma vez que a perspectiva da globalização e significatividade que se reflete nos projetos buscam ensinar o aluno a construir, encontrar nexos, estruturarem seus conhecimentos prévios e adquiridos, dar significado àquilo que está sendo estudado, finalidade que pode coincidir com os objetivos finais de cada nível de ensino. Isso por que: “[...] na escola foram formuladas referências cognoscitivas como articuladoras e orientadoras dos conhecimentos que a organização dos Projetos deve ajudar a veicular nos alunos.” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998, p. 66).

4.1 Conhecendo os projetos da 4ª série

Visando encontrar soluções para a falta de motivação, fator determinante para a aquisição da aprendizagem, proporcionando ao aluno posicionar-se de maneira crítica, criativa, reflexiva e construtiva frente à família, escola e comunidade nas soluções dos problemas. Para que atingisse o objetivo proposto, foram desenvolvidos com os alunos da quarta série os Projetos de Aprendizagem, propondo um paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente, em que o professor neste contexto, é o mediador, o estimulador, articulando as experiências extras e intraclasse, em que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento.

Em conjunto, iniciamos os projetos seguindo os passos da tabela abaixo, que valoriza muito os conhecimentos prévios dos alunos, suas curiosidades e seus interesses. As perguntas investigadoras que motivaram os alunos foram:

1. Porque existe tanta poluição?

2. Quais são as causas das enchentes?
3. O que é o preconceito?
4. Como é a vida dos animais no zoológico?
5. Porque a maior parte dos icebergs fica embaixo da água?

Assim, fomos elaborando os projetos respeitando o processo de aprendizagem, ou seja, o nível em que se encontram. O fio condutor dos projetos foi à curiosidade dos alunos sobre as perguntas iniciais. A partir daí foram explorando outros conhecimentos que tenham relação com os assuntos, bem como com os conteúdos que, como professora, tive que explorar em sala de aula. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 112) defende que, “tudo isso cria uma trama que faz com que a criança indague, busque um fio condutor que não surge de maneira espontânea nem pré-fixada, mas sim na interação que a classe foi alcançando mediante o diálogo pedagógico”.

A minha maior preocupação como professora foi a de realizar o diálogo pedagógico¹ a partir de um filme e fazer com que os alunos se motivassem e assim surgissem suas dúvidas e curiosidades para então iniciarmos os projetos a partir de suas indagações. Outro aspecto relevante neste trabalho foi à continuidade dos projetos. Quando estes estavam concluídos, aproveitamos os questionamentos que surgiram ao longo destes para prosseguirmos com novas investigações e esclarecer as dúvidas.

As perguntas devem ser analisadas, escolhidas e organizadas, para não se tornarem demasiadamente amplas. Quando não estamos bem focados, os interesses podem ser desviados no meio do caminho, ou então, os alunos se confundem. Por isto que os projetos precisam estar bem claros e alinhavados tanto para o aluno quanto para o professor. Desta forma, (BUENO, 2008, p.116) ressalta, “uma lista do que se sabe/é preciso saber é uma ótima

¹ Este termo é muito importante, porque é a partir do diálogo pedagógico que a professora desenvolve os seus objetivos e conseqüentemente surgem os questionamentos, as indagações. Em todo o projeto o clima de diálogo está presente porque os alunos e professores estão em constante troca de conhecimento e informações, pois a pesquisa se faz muito presente neste tipo de trabalho.

forma de fazer com que os alunos compreendam os parâmetros de um problema ou projeto desde o início”.

Antes de iniciarmos os projetos cada grupo respondeu as seguintes perguntas do quadro que aparece anteriormente.

Os alunos tinham vários questionamentos, muitas coisas para descobrir sobre os assuntos do seu interesse. Foram as dúvidas que moveram todos os projetos. Em cada nova descoberta sentamos e analisamos as informações encontradas que foram sendo registradas no portfólio². Além das informações adquiridas e compartilhadas eu tinha o objetivo de trabalhar os conteúdos, que já foram mencionados anteriormente os quais são de suma importância dentro de qualquer trabalho de qualquer trabalho em sala de aula. Os projetos estavam alicerçados nos conteúdos que deveriam ser desenvolvidos durante este período.

O interessante foi que, a partir dos projetos a aula se tornou interdisciplinar. Em meu planejamento elaborava atividades que proporcionavam a aprendizagem dos alunos, pois este é o objetivo das aulas, construir sempre o conhecimento. Com os projetos em desenvolvimento isto foi possível de maneira muito tranquila, sem os alunos perceberem que as diversas áreas do conhecimento estavam sendo trabalhadas. Na verdade, nós seres humanos, tecemos dia a dia novos conhecimentos assim como uma aranha tece sua teia, com paciência e dedicação, além de muito comprometimento. É importante lembrar que,

Como já foi assinalada, a ideia fundamental dos projetos como forma de organizar os conhecimentos escolares é que os alunos se iniciem na aprendizagem de procedimentos que lhes permitam organizar a informação, descobrindo as relações que podem ser estabelecidas a partir de um tema ou problema. A função principal do projeto é possibilitar aos alunos o desenvolvimento de estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares, mediante o tratamento da informação. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 89).

² Uma forma de organizar o material para ser avaliado. Nele podem ficar registrados todos os trabalhos, contribuições, descobertas, reflexões realizadas pelo aluno ou pelo grupo. O registro em portfólio auxilia na própria autoavaliação, com a vantagem de ajudar o aluno a desenvolver sua autocrítica, a ampliação da consciência do seu trabalho, de suas dificuldades e das possibilidades de seu desenvolvimento.

Quando os projetos estavam prontos os alunos apresentaram para as demais turmas convidadas da escola. Estavam ansiosos, pois apresentaram falando no microfone. Construíram maquetes, elaboraram cartazes e até realizaram algumas experiências práticas mostrando o que aprenderam. Foi um momento mágico, os olhos dessas crianças brilhavam de contentamento. Foi uma experiência que provavelmente jamais esquecerão.

Eles foram além deste espaço fechado, quebraram fronteiras, perceberam que o mundo gira e que somos protagonistas deste mundo e não somente seres que não têm nada a oferecer. E é isto que devemos construir com nossos alunos, a esperança, mas não ficar somente na esperança, mas pensar, refletir e buscar soluções, e desta forma construir sujeitos ousados, autônomos, pessoas responsáveis por este mundo em que vivemos.

4.2 A avaliação como parte de toda a caminhada

A caminhada de todo o projeto é algo fascinante e de muito aprendizado, não somente no final do trabalho, mas sim em todos os momentos, a cada dia a cada passo que se dá. O professor avalia os seus alunos em todos os momentos. A avaliação é um processo e o professor deve ter consciência que não avaliará somente o que os alunos produzem por escrito. Muito, além disto, são as habilidades, as competências, o envolvimento, os questionamentos e as buscas que o professor deve estar avaliando. Há sempre muito a aprender, a avaliar. Vejamos algumas habilidades que podem ser desenvolvidas.

Habilidades interpessoais: saber trabalhar em equipe, ensinar os outros, liderar;

Habilidades básicas: leitura, escrita, matemática, saber falar e ouvir;

Habilidades de pensamento: a capacidade de aprender, raciocinar, pensar criativamente, tomar decisões e resolver problemas.

Através do exemplo do projeto, podemos perceber o quanto prazeroso, significativo e envolvente foi este trabalho, porque a partir de algo sobre o qual

sintam curiosidade foram em busca de informações para poderem sanar suas dúvidas. E estes meios que são o importante, porque este processo da construção do conhecimento que deve ser valorizado, em qualquer forma de trabalho em sala de aula, porque durante o processo que o professor deve estar sempre em todos os momentos avaliando seus alunos, de maneiras diferentes para perceber se, no final do projeto, os seus objetivos foram alcançados, se houve uma aprendizagem significativa para aperfeiçoar-se a cada novo passo. Assim,

Habilidades e conhecimentos de conteúdos precisam ser subdivididos desmembrados e definidos em uma série de declarações específicas do que precisa ser aprendido. Essas declarações tornam-se a base do processo de avaliação e oferecem orientação para os alunos sobre o que eles devem aprender. (BUENO, 2008, p. 116).

A citação acima mostra outro fator importante neste trabalho em projetos que é o fato dos próprios alunos fazerem parte da avaliação. Não somente a avaliação deles mesmos, o que é algo que exige bastante senso crítico, autoavaliação e senso de justiça. Também não é somente a ele que o aluno avalia, mas sim, o grupo como um todo, já que o projeto faz parte da turma e o trabalho em equipe se faz muito presente ao decorrer do projeto. Desta forma Bueno também ressalta que,

Os alunos que têm oportunidades de discutir e refletir sobre suas experiências de aprendizagem e analisá-las têm mais chances de reter e usar suas habilidades e seus conhecimentos. Alocar tempo suficiente ao fim do projeto para uma discussão de análise dos resultados ajuda aos alunos a fixar o que aprenderam e a usar isso em seu próximo projeto ou tarefa. (BUENO, 2008, p. 116).

Também se faz importante fazer uma avaliação final do projeto, individualmente ou em grupo. De qualquer forma, a partilha das reflexões se faz necessária para que todo o grupo cresça. As questões ou tópicos podem ser colocados para que os alunos façam as devidas reflexões, como por exemplo:

O que aprendemos? A organização e a colaboração funcionaram? Em que podemos melhorar?

Eu me encantei em relação às expectativas e interesses dos alunos em aprender mais. O fato de eles terem ido por conta própria para a biblioteca, ao laboratório (Figura 1) de informática pesquisar mais sobre os assuntos. Isto é a curiosidade que impulsiona os alunos para que não se canse de querer desvendar logo as suas dúvidas.



Figura 1: Alunos pesquisando em grupos na biblioteca e no laboratório de informática

Na figura 2 aparecem alguns cartazes e maquetes feitos pelos alunos que fizeram utilizando diversos materiais e a partir de muita pesquisa e informações em grupo para apresentar aos colegas de outras turmas.



Figura 2: Cartazes e maquetes feitos pelos alunos

Adorei apresentar meu trabalho! Eu nunca havia falado no microfone! Dizia radiante uma aluna da quarta série ao concluir a apresentação do seu grupo. Isto com certeza se devem ao fato desta prática de trabalho por projetos que fizeram parte da caminhada da turma. Porque não é um ou dois alunos que conseguiram desenvolver os projetos. Mas todos os alunos. A maioria dos

alunos conseguiu pesquisar bastante sobre os fatos, que mostra que a leitura e a escrita também fazem parte dos projetos de aprendizagem.

Nas apresentações apareceu a riqueza dos projetos. Eles apresentaram mostrando na prática o que dizia a teoria. Desta forma, fica evidente a interdisciplinaridade em que o projeto está sustentado. Para fazer as maquetes eles utilizaram materiais recicláveis, tiveram que usar a criatividade, realizar cálculos. A nossa seriedade e comprometimento ficou evidente em meus relatos e também dos alunos da quarta série.

Outro fator importante é que no projeto não são somente os alunos que se avaliam nem somente o professor que avalia os alunos. O professor também deve estar em constante autoavaliação e com muito cuidado para que o foco do projeto não se perca. Isto requer muito estudo e planejamento por parte do professor assim como nós fizemos durante o curso de Pedagogia. Ainda mais quando se trata de alunos que nunca trabalharam desta forma, que podem facilmente perder o rumo da pesquisa. Conquanto,

Construir um plano de aula é um exercício familiar para professores. Um mapa do projeto é semelhante a um plano de aula, mas se reflete a natureza extensa dos projetos e a necessidade de estruturá-los. Um mapa de projeto bem elaborado pode incluir mais de uma sequência de atividades; ele visa apoiar e direcionar os alunos durante a criação de produtos no projeto. (BUENO, 2008, p. 116).

É na leitura, na pesquisa, entrevistas e nas produções de textos, em que se baseia o trabalho porque os alunos tiveram que pesquisar analisar, deduzir, filtrar informações e compreender dados em várias fontes. E aí entra a função social da escrita, que é descobrir o mundo que está por trás das letras. O mundo das palavras que ajuda a compreender situações, problemas e, inclusive, atitudes e reações das pessoas. Porque, muitas vezes, a criança vai para a escola e não compreende o porquê de determinadas atividades, que para ela não fazem sentido algum. Neste enfoque, ela percebe e sabe o porquê de estar realizando as tarefas que ajudou a construir. Claro que a professora que conduz o trabalho através do projeto deve criar atividades onde os alunos

possam estar descobrindo o seu conhecimento para aquilo que é objeto do seu desejo.

Estes projetos de aprendizagem alavancaram muito nas ciências naturais. Porém com o comprometimento, vontade e criatividade puderam fazer dele um projeto interdisciplinar, abrangendo todas as áreas do conhecimento.

Bonito foi ver uma turma de quarta série, realizar um trabalho consistente envolvendo vários conhecimentos e, a partir dos trabalhos em grupos descobrirem várias coisas novas sobre: poluição enchentes, preconceito, a vida dos animais no zoológico e icebergs assuntos estes que provavelmente jamais vão esquecer.

5 CONCLUSÃO

Para este momento da minha caminhada como graduanda, posso afirmar que não foi em vão que escolhi este assunto para desenvolver minha monografia. Ele é de grande interesse para mim e faz parte da minha caminhada como professora já há dez anos. Sempre fui muito motivada a buscar o novo e a me preocupar com a aprendizagem dos alunos.

Como vimos inicialmente à instituição escolar passa por transformações ao longo do tempo, busca resignificar o seu propósito e percebe a sua relação direta com a globalização. Dentro desta ideia, todo conhecimento deve e pode ser buscado de diferentes formas. É preciso que o aluno saiba como aprender e o professor, como ensinar. Para que isso seja significativo em todos os níveis, faz-se necessário a mudança de pensamento e consequentemente, deste significado entre aprender e ensinar.

Entender e conhecer o longo e muitas vezes tortuoso caminho percorrido pela educação ao longo dos anos, principalmente aqui no Brasil desde a Pedagogia Tradicional até a Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos facilitou compreender o surgimento da prática de projetos nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Este trabalho nos remete a um questionamento deve ser respondido por mim que fui ousada em trabalhar durante o Estágio Curricular Supervisionado desta forma. Só que, antes de começar a trabalhar em forma de projetos, aprendi na prática durante a Licenciatura de Pedagogia como se fazem os projetos e quais as etapas que devem ser seguidas para que o trabalho em sala de aula se tornasse satisfatório para mim e para os alunos.

Desta forma, posso afirmar, com convicção que trabalhar com projetos é muito bom, é um grande desafio, no entanto, encantador, porque se percebe como a aprendizagem acontece. Vê-se como os alunos se sentem importantes em todo o processo de estudo e motivados a buscar o seu conhecimento, porque todo ele envolve pesquisa e busca responder perguntas dos próprios alunos.

Mais que isto, o professor aprende muito porque em todos os projetos é preciso ter em mãos diversos livros, a informática como meio de pesquisa e os recursos de multimídia como um complemento para que este trabalho se torne ainda mais belo e completo. Os pais se tornam aliados no processo de ensino aprendizagem, pois acabam aprendendo e contribuindo significativamente. Ou seja, as aprendizagens saem da sala de aula, ganham asas, e todos saem em busca do conhecimento, assim como podemos perceber nos Projetos de Aprendizagem desenvolvidos pelos alunos da quarta série.

Apaixonei-me por esta linha de trabalho porque os alunos se apaixonam também, saem do papel de expectadores e passam a fazer parte do planejamento e assim autônomos e comprometidos com o saber. Ou seja, as aulas passam a ter sentido para eles. Não lêem somente porque a professora mandou, mas sim, porque eles estão interessados em sanar suas dúvidas. Desta forma, todo o estudo faz sentido para o aluno, e não se ouve falando “em que vou usar isto na vida?”. De forma interdisciplinar, o professor organiza todo o estudo para que todas as áreas do conhecimento sejam estudadas e todos os conteúdos da série trabalhados.

Então, projetos em sala de aula devem ficar para tornar nossos alunos sujeitos, autônomos, comprometidos, ousados críticos. Contudo, alunos que no futuro saberão como resolver seus problemas de forma inteligente e responsável, sabendo como e onde buscar as soluções que precisam, e mais ainda, sujeitos que poderão fazer deste mundo um lugar muito mais humano e feliz de se viver. Pude constatar tudo isso, com leituras, reflexões, práticas e ver que os projetos trazem uma riqueza muito significativa para as salas de aula. Espero que tudo isso não seja uma utopia e que muitos professores sintam-se motivados a trabalhar, que pode dar muito certo! Porque é

projetando sonhos que podem se tornar realidade para que nosso mundo seja um lugar mais solidário, justo e feliz para todos.

Neste sentido, a pesquisa oportunizou compreender melhor como se trabalha com projetos de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, valorizando aquilo que realmente é significativo para a criança, que faz parte da sua realidade sem deixar de ampliar e aprofundar os assuntos trabalhados a partir dos projetos neste nível de ensino.

O trabalho e práticas pedagógicas realizadas a partir de projetos vêm de encontro de uma nova maneira de ver e entender a escola. Esse trabalho trás a criança como sujeito da própria aprendizagem desafia todos que fazem parte do processo, dá espaço aos conteúdos mínimos de cada nível e globalizando-os. Proporciona um trabalho criativo e motivador possibilitando uma abordagem e leitura mais significativa às diversas manifestações e linguagens apresentadas pelos alunos.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUENO, Daniel. Buck Institute for Education. **Aprendizagem baseada em projetos**: guia para professores de ensino fundamental e médio. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FACCHINI, Luciana. **O pensamento pedagógico brasileiro e a educação infantil**. Ciências e Letras, Porto Alegre, n.29. p. 55-68, jan./jun. 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa*, - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

GANDIN, Danilo. CRUZ, Carlos H. Carrilho. **Planejamento na sala de aula**. 5ª ed. Porto Alegre: Lá Salle, 1995.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIBÂNEO, José. Carlos. **Democratização da escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1993.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. - 10 ed.- Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOMÉ, Torres Jurjo. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Trad. Cláudia Schilling, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

VASCONCELLOS, Celso Dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.

XAVIER, Maria Luisa Merino; DALLA ZEN, Maria Isabel H. **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Trad. Ernani F. Da F. Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE – RELATÓRIO DOS PROJETOS DE APRENDIZAGEM

O trabalho desenvolvido com a quarta série durante o Estágio Curricular Supervisionado tinha como justificativa desenvolver temáticas que valorizassem o aluno, a família, o ambiente, desenvolvendo a autonomia, a cooperação e a responsabilidade individual e social através dos “Projetos de Aprendizagem” provocando neles a vontade de perguntar e despertando o desejo de novos conhecimentos e aprendizagens.

Os meus objetivos a serem alcançados eram de realizar um trabalho pedagógico que deixasse marcas positivas nos meus alunos, em sua autoestima, autoconfiança fazendo-os perceberem suas potencialidades, despertando o senso crítico, o diálogo, estabelecendo dessa forma relações de amizade, respeitando a todos e o ambiente no qual estão inseridos; refletir sobre a minha prática pedagógica, adquirir mais conhecimentos, aprender com os alunos buscando crescimento pessoal e profissional; selecionar informações, produzindo conhecimentos para conseguir resolver problemas de forma crítica, analítica, autônoma e construtiva, interagindo com a sociedade, para a melhoria da vida; vivenciar experiências que deem continuidade ao processo de leitura e compreensão do mundo, atuando dentro do contexto social em que vive;

Os Projetos de Aprendizagem iniciaram pela apresentação do filme. "Happy Feet" O pinguim. Nele são tratadas as questões do meio ambiente, questões da diferença, das relações familiares e sociais e a cultura. Ele abre muitas possibilidades para dúvidas e perguntas.

Logo após o término do filme foi estabelecida uma conversação, com questionamentos às crianças, de forma que iniciasse o processo de pensar, a partir do que viram o que mais lhes chamou a atenção, o que já sabem sobre isso e o que gostariam de saber. Para estimular a fala, primeiramente formei grupos da seguinte maneira: A professora distribuiu um número para cada criança de 1 a 5 e as crianças se aproximaram pelos números iguais. Realizaram então, uma atividade em que as crianças recortaram de revistas, figuras ou palavras que expressem suas visões, interesses, curiosidades. Esse momento foi feito por sorteio, devido à compreensão de que as crianças, na fase psicogenética em que se encontram operatório concreto, apresentam características ainda egocêntricas. Além do mais, recém-feita a atividade disparadora, ainda não conseguiriam de imediato formular questões de forma aprofundada. A pergunta construída foi apenas inicial e seu refinamento e aproximação por interesse aconteceram na etapa posterior. Depois de pronto sugeri que elas explicassem o motivo de escolherem aquelas imagens ou palavras. O que representam daquilo que viram. Essa atividade auxiliou na expressão e organização do pensamento. O painel ficou exposto na sala.

Na etapa seguinte, as crianças fizeram a construção da pergunta inicial. Registraram no caderno individual, em razão de reforçar o que foi trabalhado em grupo. Dessa forma, realizaram a atividade escrita a partir do que foi dito e apresentada em imagens nos cartazes. Documentaram o que foi realizado por outros grupos, também. A turma foi dividida em dois grupos de forma diferente, pois as crianças necessitam de formas variadas de apresentação das atividades para manterem a atenção; além do mais, por serem bastante distintas, embora ocorram em sequência, não há o risco de provocarem alguma confusão entre as duas propostas.

Iniciamos o trabalho de refinamento das perguntas iniciais, transformando-as em uma pergunta investigativa através de uma lista das perguntas iniciais apresentadas em cartaz. Foi feita a atividade de identificação de perguntas parecidas. As crianças fizeram a escolha de uma pergunta que lhes chamou mais a atenção, independente de ser a sua. As crianças formaram

grupos pelo interesse da pergunta, porém cuidando para não ultrapassar cinco alunos a fim de que pudesse haver participação de todos nos mesmos já que a turma era formada por vinte alunos. Auxiliei cada grupo na objetivação de sua pergunta investigativa, questionando, debatendo com as crianças, sugerindo que formulem diversas perguntas onde apareça o foco central. Os grupos iniciaram o processo de construção das certezas provisórias e das dúvidas temporárias que foram colocadas em papel pardo ou E.V. A. de forma móvel, pensada pela turma, para que se possa alterar quando necessário. Além do cartaz ou painel, que ficou visível para todos os alunos também, a confeccionaram uma pastinha portfólio, onde cada criança, individualmente, enfeitou a capa com tinta, ou colagem ou lápis colorido ou de outro modo que quisesse. Ali, em folhas, iniciaram o registro de tudo o que foi feito até aquele momento, inclusive estimulando a que ilustrassem desenhando ou colando figuras. A existência de um registro individual tinha como objetivo, lembrar o processo desenvolvido, e como forma de conexão, pois muitas vezes a criança se sente ansiosa no trabalho em grupo, já que nessa faixa etária, estão exercitando a superação de sua visão egocêntrica de mundo, (dependendo das condições da realidade, permanecem mais tempo nessa fase). Foi uma forma de exercitar a experiência de grupo, sem perder a importância de sua individualidade. Não se tratou de treinamento, tampouco de memorização, mas de possibilidades de reescrita que oportunizaram o repensar, a organização das ideias, e até ampliação das mesmas. Essa atividade veio como sequência direta da pergunta inicial, que geralmente é bastante ampla e as crianças ainda não possuíam estruturas de pensamento que permitiam que ocorressem tão rapidamente algumas abstrações. Como sabemos sua forma de pensar não é a mesma do adulto.

A Internet foi utilizada a partir desse momento, para dar continuidade a todo o projeto. Foi sugerida a construção de uma tabela de trabalho, que seria o planejamento do grupo. A sugestão inicial foi à tabela simples, visualizada na barra de ferramentas, onde poderão aprender a inserir e excluir linhas. Foi estimulado que cada grupo pense na possibilidade de realizar visitas a lugares que possam apresentar algum tipo de resposta para as dúvidas levantadas,

trazer convidados à escola, para falarem do tema que desejam realizar entrevistas, tirar fotos, gravar falas, realizar pesquisas com determinado grupo de pessoas, desde que se proponham a pensar como efetivar essas atividades, para que não fiquem centradas apenas no desempenho da professora. Também foi oportunizado um momento para que pensassem no tempo a ser empreendido, e como registrar os resultados de cada atividade. No início do ano foi bem difícil utilizar o laboratório de informática, pois foram feitos reparos e a conexão não com a internet estava muito lenta. Achemos por bem, realizar o início do projeto sem a utilização da mesma. Logicamente, mais tarde conseguimos usufruir esse espaço. A partir dessa etapa as atividades do projeto foram desenvolvidas com o apoio desse recurso.

Foi realizado o trabalho de criação de um blog para que pudesse funcionar como seu portfolio de aprendizagens do grupo. Conforme as dificuldades, de conexão com a internet iam surgindo fomos utilizando o Google Earth, editor de texto e outros programas disponíveis. Considerei importante, ainda, que ao acessarem a Internet, as crianças pudessem aprender a enviar e-mails e a se comunicarem por MSN, trocar informações dentro da própria sala, com tranquilidade e sem tumultos, já que essas modalidades de comunicação são bastante atrativas. Essa troca de informações foi referente ao trabalho desenvolvido durante o projeto de aprendizagem. Futuramente passarão a utilizá-las em outros lugares, inclusive Lan Houses, ampliando sua interação com a tecnologia. Essas. Ao utilizar diversos recursos é importante para que não se pule de uma polaridade a outra. Não se saia de uma situação em que se utiliza só o papel e o quadro negro, para uma situação em que só se utilize as tecnologias excluindo qualquer outra forma de recurso, mesmo considerando que existe um grande ganho de tempo e diversificação no uso das tecnologias. Entretanto, não esqueci que a escola apresenta uma série de dificuldades organizativas e estruturais que nem sempre garantiram a utilização do laboratório todos os dias. Conteí com o recurso do papel, cadernos, pastinhas portfólio, painéis ou cartazes, como apoio para a continuidade. Fiz feita combinação bastante clara

e objetiva com a Direção e Supervisão da escola para que o andamento do projeto fosse prejudicado.

As avaliações foram permanentes, dentro do grupo e com os demais grupos, incluindo a professora. Foi traçado um foco que privilegiasse o processo de desenvolvimento dos trabalhos, como estavam lidando com as tecnologias, quais as dificuldades, as facilidades, se conseguiram encontrar informações sozinhos, compará-las, acrescentar opiniões. Tudo isso foi registradas na pastinha portfólio, em forma de texto ou frases como tópicos. Dessa forma as avaliações estavam disponíveis na sala de aula.

Na última semana os alunos apresentaram para os demais colegas da turma os Projetos de Aprendizagem que haviam desenvolvido durante as semanas anteriores. Eles se prepararam para apresentar os trabalhos, fizeram cartazes, maquetes, teatro e até usaram vídeos explicativos retirados da internet durante as pesquisas.

Logo após as apresentações, realizamos a avaliação coletiva, usamos os seguintes critérios: dedicação, colaboração, participação e produção individual. Todos puderam opinar, eu anotava no quadro os conceitos atribuídos a cada um deles. Utilizamos os conceitos: MB (Muito Bom), B (Bom), R (Regular) e I (Insuficiente), conforme o Projeto Político Pedagógico da Escola. Surpreendi-me com a maturidade e a seriedade dos alunos. Eles concordaram ou discordaram com segurança justificando os conceitos atribuídos.

Essa postura que os alunos tiveram foi à confirmação de que é possível realizar um trabalho diferente. Como professora, eu assumi o papel de orientadora, criei condições para que os alunos avaliassem os seus trabalhos, proporcionei diálogo e cooperação de forma participativa, eles tiveram condições para se desenvolver e adquirir novos conhecimentos. Aceitei os alunos valorizando seus conhecimentos seu desenvolvimento e suas descobertas.

Tenho certeza do dever cumprido, sabendo que cresci profissionalmente, aprendi, venci e principalmente, consegui ouvir meus

alunos, estabelecer vínculos afetivos e proporcionar momentos significativos de aprendizagem que fizeram à diferença na minha vida e na vida desses alunos.

A maior aprendizagem que tive foi à confirmação de que é possível realizar um trabalho diferente. A partir dos Projetos de Aprendizagem, os alunos tiveram condições para se desenvolver e adquirir novos conhecimentos.

A cada semana que passava os alunos estavam mais motivados e interessados em aprender, me surpreendi como a maioria conseguiu pesquisar em diferentes fontes. Esse tipo de trabalho também proporcionou aos alunos o diálogo, a ampliação de mundo deles, a interação entre todos, favorecendo a troca de vivências entre os mais e os menos experientes, assim como possibilitou a valorização de todos no grupo.

Acreditei que meus alunos eram capazes de aprender, e que já possuíam conhecimento sobre os assuntos escolhidos assim conseguimos juntos avançar no tempo com sucesso nas aprendizagens.